

nam dois graus essenciais: o exotérico, ou grau externo, do qual a população podia participar, e o esotérico, ou grau interno, para os poucos escolhidos.

Os iniciados em perspectiva comprometiam-se a guardar o mais estrito segredo. O que era revelado jamais podia ser revelado, pois isso dissiparia seu poder, vulgarizaria seu conteúdo, expondo suas sublimes verdades à desonra. A manutenção do segredo erguia um círculo em redor do rito, e dentro desse limite mágico acumulavam-se as tensões do poder. Os mistérios eram levados muito a sério. Alcibiades (c. 415 A.C.), herói popular grego e ídolo de Atenas, perdeu a popularidade porque certa vez, ao se embriagar, falou desrespeitosamente dos mistérios. Ninguém até então os desonrara. O juramento de segredo era o mais rigidamente respeitado, mesmo pelos cristãos iniciados antes da conversão, tanto assim que, embora se praticassem os grandes mistérios por quase dois mil anos, nós nada sabemos sobre qualquer das fases cruciais das cerimônias. Chegamos ao que sabemos pedaço por pedaço, e as partes nem sempre se ajustam, pois muito se baseia em conjeturas. Conta-se a história de um homem que sonhou por acaso com parte dos mistérios, e descobriu-se que seu sonho estava tão próximo da verdade que ele teve de ser imediatamente iniciado, para manter silêncio a respeito.

Entre as primeiras religiões de mistérios estava a ligada à morte e esquarteramento do deus egípcio Osíris, e à busca, pela sofrida irmã-esposa Ísis, de seus restos espalhados. A ressurreição do deus formava o núcleo de um culto que tinha um séquito quase universal no antigo Egito. As cerimônias públicas incluíam um elemento fálico, pois o membro viril do deus, simbolizando o princípio gerador da vida, recebia veneração especial, quando a imagem do deus saía em procissão, o grande falo a subir e baixar mecanicamente, em intervalos. A adoração de Ísis e Osíris já

se achava bastante estabelecida em 2400 A.C., e quando os gregos começaram a conhecê-la, no século VI A.C., era tida como de antiguidade imemorial. O culto ainda era fonte de inspiração no século II D.C., pois o escritor latino Apuleio escreveu sobre sua iniciação nos ritos em termos arrebatados, em seu livro *O Asno de Ouro*.

### Os Mistérios de Eleusis

Provavelmente os mais famosos desses cultos foram os mistérios eleusianos. Eleusis era um lugar a cerca de 22 quilômetros a oeste de Atenas, usado para fins rituais, desde o século XV A.C., pelos antecessores dos gregos helênicos na península. As origens dos mistérios remontavam ao Egito, que forneceu o modelo para a maioria das religiões de mistérios do antigo mundo mediterrâneo. Durante a época histórica, os mistérios eleusianos absorveram grande número de cultos locais e combinou-os em dois ciclos essenciais, centrados em torno da lenda do rapto de Kore (Prosérpina) por Plutão, deus dos infernos, e sua procura pela mãe, Deméter.

Os ritos eleusianos menores eram festejados no início da primavera, quando as colheitas amadureciam. Dispomos de poucos fatos sobre esse primeiro estágio de iniciação, a não ser que o celebravam em Agrai, um subúrbio de Atenas. Os mistérios maiores, objeto de importância nacional, começavam seis meses depois, em fins de setembro, e duravam quatorze dias, período em que cessavam todas as hostilidades internas. Durante muito tempo, só se admitiam nos mistérios os gregos que soubessem falar grego e não tivessem sido privados de seus direitos civis. Os candidatos recebiam instrução de padrinhos, chamados mistagogos, e preparavam-se abstenendo-se de carnes, aves, peixes, ovos, alho, feijão e romãs. Renunciavam às relações sexuais e em grande parte à fala.

Dois dias antes da lua cheia do outono, participavam de uma procissão de

pessoas que iam para Eleusis, e retornavam trazendo objetos escondidos numa cesta ou arca, que depositavam cerimoniosamente num santuário em Atenas. Esse rito chamava-se *arretophoria*, "carregar coisas que não devem ser faladas". Como falar dessas coisas era estritamente tabu, não se sabe o que eram. Várias autoridades têm especulado que deviam ser cobras vivas, cones de abeto ou pinheiro, espigas de milho, pequenas imagens da deusa Deméter ou Kore, ou uma réplica do membro masculino ou da vulva feminina, ou dos dois juntos. Achava-se que simbolizavam uma das chaves para os mistérios e acreditava-se que tinham um profundo significado místico.

Dois dias depois, os candidatos prosseguiram pelo mar, cada indivíduo levando consigo um leitão, que lavava na praia, e depois se banhava ele próprio no mar. Os porcos eram sacrificados e o sangue salpicado no candidato. O episódio importante seguinte era uma caminhada de volta de Atenas a Eleusis, quando se restituíam reverentemente os objetos ao templo da mãe, e a última fase se dava no Saguão de Iniciação em Eleusis. Essa iniciação era conhecida como *telete*, "conclusão", e realizava-se dentro do templo de Deméter, conduzida por uma alta autoridade sacerdotal, conhecida como hierofante, ou "revelador das coisas sagradas". Também aqui pouco se sabe do que realmente acontecia, e predomina a especulação. Parece, no entanto, que se punha em operação toda a parafernália das sociedades secretas. Havia senhas, sinais secretos, uma representação dramática ilustrando os pontos altos do mito de Deméter, uma vigília que durava a noite toda e uma revelação final, o próprio candidato tomando parte de algumas dessas coisas. Dizia-se que o iniciado não tinha de aprender, mas de experimentar, e que os mistérios lhe eram não apenas explicados, mas interpretados por ele. Ligavam-se a um casamento sagrado com os segredos da geração, ou com

a cultura do milho. Uma refeição sacramental de pão e vinho encerrava a cerimônia.

### Dionísio e Serápis

Um pouco diferentes quanto ao caráter eram os mistérios de Dionísio, que se incluíam entre os mais bárbaros do mundo grego. Houvera uma Dionísia anterior, da qual só ficaram reminiscências nas versões posteriores, mais moderadas, mas detalhes dos antigos ritos podem ser vistos nos vasos gregos. Era originalmente um culto feminino, cujas participantes eram conhecidas por termos variados, como *mênades*, "desvairadas"; *bassaridas*, "raposas fêmeas"; *potniadas*, "inebriadas"; *tíades*, "excitadas"; e *bacantes*, seguidoras de Baco, uma versão pândega e embriagada de Dionísio popularizada em Roma. Os seguidores homens eram os *sileni*, ou sátiros, personificações da luxúria masculina, exibidos com falos eretos e munidos de açoites, com os quais flagelavam as nádegas nuas das frenéticas mênades em fuga, que alcançavam e arrebatavam. Os festejos incluíam folias orgiásticas, acompanhadas por desenfreada música frígia, e o rito do *sparagmos*, em que um animal vivo, geralmente uma cabra ou ovelha, era dilacerado com as mãos e mordido pelos participantes, e a carne crua devorada. Havia também representações de forma dramática dos terrores da vida nos infernos, e uma estranha e inexplicável "mascarada de fantasmas".

No século III A.C., Ptolomeu I, o Faraó helênico do Egito, criou uma religião de mistério própria. Tentando realizar sua ambição de fundir os habitantes egípcios e os gregos estabelecidos no Egito numa única nação, concebeu a idéia de um culto comum unificador. Para isso, convocou a ajuda de Manetho, sacerdote e historiador egípcio, e Timóteo, um grego da família dos hierofantes em Eleusis, e fundou o culto de Serápis; o "único deus que o homem moderno conseguiu criar",